

### Os sapos

(...) Enfunando os papos,  
Sobem da penumbra,  
Aos pulos, os sapos.  
luz os deslumbra. (...)

O sapo-tanoeiro,  
Parnasiano aguado,  
Diz: – “Meu cancioneiro  
É bem martelado.

Vede como primo  
Em comer os hiatos!  
Que arte! E nunca rimo  
Os termos cognatos. (...)

*Carnaval (1919)*

---

### Berimbau

Os aguapés dos aguçais  
Nos igapés dos Japurás  
Bolem, bolem, bolem.  
Chama o saci: – si si si si!  
– Ui ui ui ui ui! uiva a lara  
Nos aguçais dos igapós  
Dos Japurás e dos Purus.

A mameluca é uma maluca.  
Saiu sozinha da maloca –  
O boto bate – bite bite...  
Quem ofendeu a mameluca?  
– Foi o boto! (...)

*O ritmo dissoluto (1924)*

---

### Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número.  
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro  
Bebeu  
Cantou  
Dançou  
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

*Libertinagem (1930)*

---

## O cacto

Aquele cacto lembrava os gestos desesperados da estatuária:  
Laocoonte constrangido pelas serpentes,  
Ugolino e os filhos esfaimados.  
Evocava também o seco nordeste, carnaubais, caatingas...  
Era enorme, mesmo para esta terra de feracidades excepcionais.  
Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz.  
O cacto tombou atravessado na rua,  
Quebrou os beirais do casario fronteiro,  
Impediu o trânsito de bonde, automóveis, carroças,  
Arreventou os cabos elétricos e durante vinte e quatro horas privou a cidade de iluminação e energia:

– Era belo, áspero, intratável.

(Petrópolis, 1925)

*Libertinagem* (1930)

---

## Poética

Estou farto do lirismo comedido  
do lirismo bem comportado  
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço  
ao Sr. diretor

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais  
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção  
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador  
Político  
Raquítico  
Sifilítico  
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo  
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem modelos de  
[cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos  
O lirismo dos bêbedos  
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos  
O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

*Libertinagem* (1930)

---

## O último poema

Assim eu queria o meu último poema  
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais  
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas  
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume  
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos  
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

*Libertinagem (1930)*

---

## Poema do beco

Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?  
– O que eu vejo é o beco.

*Estrela da manhã (1936)*

---

## Maçã

Por um lado te **vejo** como um seio murcho  
pelo outro como um ventre de cujo umbigo pende ainda o cordão placentário  
És vermelha como o amor divino

Dentro de ti em pequenas pevides  
Palpita a vida prodigiosa  
Infinitamente

E quedas tão simples  
Ao lado de um talher  
Num quarto pobre de hotel

*Lira dos cinqüent'anos (1940)*

---

## Consoada

Quando a Indesejada das gentes chegar  
(Não sei se dura ou caroável),  
talvez eu tenha medo.  
Talvez sorria, ou diga:

— Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.  
(A noite com os seus sortilégios.)  
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,  
A mesa posta,  
Com cada coisa em seu lugar.,

*Opus 10 (1952)*

---

## **Momento num café**

Quando o enterro passou  
Os homens que se achavam no café  
Tiraram o chapéu maquinalmente  
Saudavam o morto distraídos  
Estavam todos voltados para a vida  
Absortos na vida  
Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado  
Olhando o esquife longamente  
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade  
Que a vida é traição  
E saudava a matéria que passava  
Liberta para sempre da alma extinta.

*Estrela da manhã (1936)*

---

## **Boi morto**

Como em turvas águas de enchente,  
Me sinto a meio submergido  
Entre destroços do presente  
Dividido, subdividido,  
Onde rola, enorme, o boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto.

Árvores da paisagem calma,  
Convosco — altas, tão marginais! —  
Fica a alma, a atônita alma,  
Atônita para jamais.  
Que o corpo, esse vai com o boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto.

Boi morto, boi descomedido,  
Boi espantosamente, boi  
Morto, sem forma ou sentido  
Ou significado. O que foi  
Ninguém sabe. Agora é boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto!

*Opus 10 (1952)*

---